

Excursão sobre a Criação da Vida e a Diversidade Biológica (Parte 16): Genealogias em Gênesis 1-11 – Parte 2

Seção 09 / Aula 16

Autor: William Lane Craig

Publicado no YouTube: 27/06/2026, 12:00:06 (horário de São Paulo)

Aula original: June 12, 2019

[Assistir à aula no YouTube](#)

[Acessar o Curso Defensores - Seção 09](#)

Transcrição conforme a legenda em português do vídeo. Revisão: 22/10/2026.

A Tabela das Nações

Temos discutido o papel das genealogias de Gênesis 1-11 em ordenar as narrativas primevas em uma história primeva fornecendo uma espécie de espinha dorsal cronológica a esses capítulos. Em nossa última sessão, examinamos a afirmação de Robert Wilson de que essas genealogias, mesmo que não tenham sido escritas principalmente por razões historiográficas, Wilson afirma que elas realmente não têm intenção de ser registros históricos. Vimos razões para contestar isso. O fato de essas genealogias se fundirem sem ruptura em pessoas tidas indiscutivelmente como históricas (como Abraão e seus sucessores) sugere que não há diferenciação em princípio entre Abraão e seus sucessores e os predecessores de Abraão. Ainda assim, creio que a obra de Wilson nos lembra que genealogias antigas não eram obra de historiadores desinteressados, mas podem servir a outros fins. Considere, por exemplo, a genealogia segmentada que aparece em Gênesis capítulo 10, a chamada Tabela das Nações. Elas são listadas como se fossem os filhos de Noé e seus descendentes. Assim, por exemplo, em Gênesis 10:1, afirma: “São estas as gerações dos filhos de Noé: Sem, Cam e Jafé.

E nasceram filhos a eles depois do dilúvio.” Assim, no versículo 2, os filhos de Jafé são listados, e depois, no versículo 6, são listados os filhos de Cam, e, mais adiante, no versículo 22, os filhos de Sem. Embora a Tabela apresente essas várias pessoas e nações como descendentes dos filhos de Noé (Sem, Cam e Jafé), ainda assim os grupos de povos listados na Tabela não estão necessariamente ligados por sangue. Antes, representam agrupamentos ecléticos de povos com base em semelhanças geográficas, linguísticas, raciais e culturais. O comentarista judeu Nahum Sarna, em seu comentário sobre Gênesis 1-11 comenta o seguinte. Sarna diz: “À primeira vista, o uso de verbos que expressam nascimento e de termos como 'filho', 'pai', 'primogênito' sugere genealogias diretas do tipo já encontrado em capítulos anteriores. Na verdade... muitos dos nomes pessoais aqui listados são conhecidos, de outro modo, como lugares ou povos.

Dez nomes têm terminações no plural, outros nove recebem o sufixo -i, [vários outros incluem] o artigo definido, o que é inadmissível com nomes pessoais em hebraico.” Ele conclui: “A terminologia não deve ser entendida literalmente.” Alguns povos que classificaríamos como semitas (isto é, filhos de Sem) aparecem na Tabela como filhos de Cam. Como os descendentes de Cam estão sob a maldição de Deus,^[1] os maiores inimigos de Israel são listados como descendentes de Cam. Além disso, esse caráter da Tabela não é uma descoberta moderna. O próprio autor antigo teria percebido quão ecléticos são seus agrupamentos. Por exemplo, ele reúne etnias mesopotâmicas, etíopes e árabes sob Cuxe. Ele não poderia ter deixado de notar que Sabá e Havilá são listados como descendentes tanto de Cam quanto de Sem nos versículos

7 e 28-29. Assim, Sabá e Havilá são contados como descendentes tanto de Cam quanto de Sem. Tudo isso sugere que ele não entendia a genealogia como um relato histórico direto. Assim, apesar das expressões “filhos de” e “gerou”, essa genealogia não lista descendentes de sangue, mas sim povos com base em fatores políticos, linguísticos, geográficos e outros fatores semelhantes.

E o autor de Gênesis sabia disso. É um exemplo exemplar da afirmação de Wilson de que genealogias segmentadas servem sobretudo a propósitos domésticos, político-jurídicos e religiosos.

Genealogias lineares, simetrias e idades

Com respeito às genealogias lineares, telescopamento (isto é, condensar gerações) e fluidez são comuns em genealogias antigas. Lacunas em listas reais sumérias, assírias e babilônicas são comuns. Quando se junta ou se conecta a genealogia de Adão em Gênesis 5 com a genealogia de Sem em Gênesis 11, cria-se uma simetria artificial de dez ancestrais antediluvianos, de Adão até Noé, seguida por dez ancestrais pós-diluvianos, de Sem até Abraão. Uma genealogia semelhante, com dez nomes, aparece em Rute 4:18-22 para o rei Davi, bem como em várias listas reais sumérias, assírias e babilônicas. Sarna conclui: "A conclusão é inequívoca: temos aqui uma esquematização deliberada e simétrica da história, apresentando segmentos de tempo significativos e bem equilibrados como forma de expressar o ensino bíblico fundamental de que a história tem sentido." Além disso, na lista real suméria, os reis antediluvianos têm reinados fantasticamente longos — chegando a 43.200 anos para um reinado individual, com a duração do reinado diminuindo depois do Dilúvio. Diz-se que os oito reis antediluvianos governaram por um total combinado de 241.000 anos. Oito reis governaram por 241.000 anos.

Após o Dilúvio, 39 reis adicionais reinam por menos de 27.000 anos. Portanto, há uma enorme queda na duração dos reinados após o Dilúvio. De modo semelhante, em Gênesis, o Dilúvio interrompe as genealogias, e vidas fantasticamente longas (de centenas de anos) são atribuídas aos antediluvianos, e depois há vidas reduzidas após o Dilúvio. Essas vidas anormalmente longas geram dificuldades se tomadas literalmente. Por exemplo, se você soma os anos, acontece que Noé ainda está vivo quando Abraão nasce! E seu filho Sem, na verdade, sobrevive a Abraão por 35 anos, o que parece absurdo. O autor de Gênesis teria percebido quão fantásticas são essas vidas ancestrais, o que dá razão para pensar que as genealogias não pretendem ser história direta. O comentarista do Antigo Testamento Kenneth Mathews sugere, plausivelmente, penso eu que as genealogias servem ao propósito teológico de mostrar a interconexão de toda a humanidade e a esperança de bênção universal. Todavia, como John Walton nos lembra, não há evidência de que genealogias antigas incluíssem indivíduos que não se cria terem realmente vivido.

De fato, quanto a muitos reis nas listas reais mesopotâmicas, estamos seguros de que realmente existiram. Walton conclui: “Consequentemente, não haveria precedente para pensar nas genealogias bíblicas de modo diferente das outras do mundo antigo. Ao pôr Adão nas listas de ancestrais, os autores da Escritura o tratam como pessoa histórica.” Ao pôr Adão nas listas de ancestrais, os autores da Escritura o tratam como pessoa histórica. Algum comentário ou discussão sobre esse ponto?

Debate sobre idades e variantes textuais

Aluno: Sobre seu ponto a respeito das idades fantásticas, embora eu concorde com isso, tenho dificuldade em ver como isso seria algo além de um argumento de incredulidade pessoal. Pois conheço muitos criacionistas da Terra jovem que aceitariam essa consequência. Dr. Craig: Acho que algumas coisas são incríveis. É inacreditável, a meu ver, que o autor antigo pensasse que pessoas como Metusalém viveram 900 anos. Além disso, lembre-se do ponto que faço: tomá-las literalmente causa consequências muito estranhas, como Sem sobreviver a Abraão por 35 anos. O fato de os judeus antigos se sentirem desconfortáveis com isso fica evidente no fato de que, nos textos samaritano e da Septuaginta do Pentateuco, esses números são alterados para torná-los menos embaraçosos: as idades são reduzidas. Os estudiosos concordam que o texto massorético (aquele em que nossa tradução se baseia) é provavelmente o texto correto, o original. Mas, ainda assim, esses outros textos (o samaritano e a Septuaginta) mostram o desconforto que os judeus antigos sentiam com a duração dessas vidas. Portanto, não é só incredulidade; eles também produzem anomalias cronológicas que não parecem corretas.

Aluno: Eu fiz uma apresentação sobre isso há pouco tempo, sobre os números da Septuaginta versus o texto massorético. Na verdade, penso que os números da Septuaginta têm melhor apoio histórico. Isso porque a diferença é sempre de cem, exceto em um caso, em que é de cinquenta. Parece que aquele com diferença de cinquenta poderia facilmente ter recebido cem anos a mais, mas não se poderia ter subtraído cem anos dele. Há toda uma série de razões para isso. Se há lacunas nas genealogias, porém, isso alivia o problema de Abraão existir enquanto Noé e Sem ainda viviam. Além disso, se você acrescenta os números da Septuaginta, isso também alivia o problema. Contudo, concordo que há lacunas nas genealogias. Quanto às idades, creio que poderia haver algumas razões científicas. Moisés vive 120 anos. Abraão vive 175. Não parecemos ter tanto problema com isso. Novecentos? Bem... Eu sei. Mas é uma daquelas coisas que não conhecemos geneticamente. Dr. Craig: Este é um argumento cumulativo que estou apresentando aqui, e penso que isso seria um fator. Mas obrigado. Boa resposta. Aluno: Antediluviano e pós-diluviano? O que isso significa?

Dr. Craig: Antediluviano: aqueles que viveram antes do Dilúvio; antes do dilúvio. Antediluvianos são os que viveram antes do Dilúvio; pós-diluvianos são os que viveram depois do Dilúvio. Como eu disse, nessas listas reais mesopotâmicas, há reinados fantasticamente longos antes do Dilúvio e depois reinados reduzidos. Temos o padrão semelhante em Gênesis com as idades dos patriarcas antediluvianos, que viveram por séculos, e depois as idades vão diminuindo. Aluno: Acabei de ler um livro, *Rebooting the Bible*, que concorda com o que alguém disse antes: que no ano 100 d.C. houve uma conspiração para eliminar 1.300 anos a fim de confrontar Jesus como Messias. Foi isso que entrou no texto massorético. A Septuaginta é a mais precisa. Além disso, se você usa a data de Josefo para o Êxodo, ela concorda com as datas da Septuaginta, que concorda com toda a arqueologia da destruição de Jericó e das cidades ao redor. Dr. Craig: Obrigado por isso. Eu apenas diria que, quando lemos comentários do Antigo Testamento sobre Gênesis, creio nunca ter visto alguém discordar da prioridade do texto massorético.

Todos parecem pensar (dos que li, e li bastantes) que o texto da Septuaginta (isto é, o texto grego do Antigo Testamento; não é a língua original, mas uma tradução grega) e também o texto samaritano do Pentateuco — todos parecem pensar que esses números foram alterados por causa dessas dificuldades. Mas, como você indica, tudo está aberto à discussão. Aluno: Dadas

as diferenças em como o mundo deveria funcionar antes do Dilúvio (como não haver chuva, coisas desse tipo), isso sugere realidades diferentes que talvez não excluam uma vida mais longa devido a uma variedade de fatores. Não vamos querer entrar nisso, mas penso que, dadas as diferenças descritas, é prematuro fazer um julgamento sobre a realidade desses tipos de expectativa de vida. Dr. Craig: Não creio que haja algo no texto que indique que as leis da natureza mudaram antes e depois do Dilúvio de modo que permitisse às pessoas viver mais. E aqui eu poderia recorrer a Jonathan Sarfati, que é ele próprio um criacionista da Terra jovem e escreveu um comentário sobre Gênesis 1-11.

O próprio Sarfati argumenta contra os adeptos da Terra jovem que dizem que, de algum modo, as condições antediluvianas eram diferentes e permitiam que as pessoas vivessem por séculos, e depois do Dilúvio, de algum modo, mudaram. Simplesmente não parece haver nada no texto que apoie isso, muito menos na ciência. Aluno: Apenas uma rápida pergunta metodológica. Falamos sobre a simetria dos dez. Em que ponto você acha que tais simetrias devem ser vistas como acrescentadas artificialmente pelo autor, em oposição a serem sinais da ordenação soberana de Deus sobre a criação, como se ele tivesse planejado assim? Dr. Craig: Será um argumento cumulativo, como eu disse antes. Não é apenas aqui que parece haver essa simetria criada de dez e dez, mas você a encontra, por exemplo, na genealogia do rei Davi em Rute 4. Você encontra esses grupos de dez nas listas reais da antiga Mesopotâmia. Portanto, parece uma construção artificial em vez de dizer que literalmente houve dez gerações antes e depois do Dilúvio.

Aluno: Com as idades pré-Dilúvio e pós-Dilúvio, elas parecem meio que diminuir à medida que avançam após o Dilúvio; eu queria saber que função isso poderia cumprir, bem como sua ligação com o Dilúvio. O autor de Gênesis, e depois as primeiras pessoas que ouviram isso, teriam tomado o Dilúvio como estritamente literal, ou o viam como algo diferente? Dr. Craig: Essa é meio que a pergunta de um milhão de dólares neste ponto, e teremos de falar mais disso depois. O que estou sugerindo é que há indicações como as que já mencionei, de que, embora as genealogias ordenem essas narrativas cronologicamente, elas não devem ser lidas com precisão histórica estrita. Portanto, seria um erro lê-las de modo literal. Elas poderiam representar outras coisas. Agora, o que representam — essa é uma pergunta difícil. Qual é o significado teológico de idades longas antes do Dilúvio e encurtadas depois? Não estou em posição de responder a essa pergunta. Mas isso certamente é pertinente.

Gênero, citação e longevidade

Aluno: As questões que você levantou aqui: isso é exemplo de uma tendência geral que temos ao avaliar escritos antigos, impondo-lhes padrões modernos de precisão? Por exemplo, esperamos que, ao ler uma história, tudo seja cronológico, e nos Evangelhos isso nem sempre parece ser o caso. Também, a citação direta. Os antigos não tinham meios de gravar discursos, e, ainda assim, inserimos aspas como se fossem citações literais. Você tem algum comentário sobre isso? Dr. Craig: Você está absolutamente correto. A diferença entre os Evangelhos e Gênesis 1-11 que creio já ter mencionado é que o gênero literário ao qual os Evangelhos pertencem é a biografia antiga. Embora você esteja correto em dizer que, na biografia antiga, eventos podiam ser narrados em ordem diferente, ainda assim eles mostram interesse histórico. Tratam de uma pessoa histórica e contam anedotas para ilustrar o caráter da figura principal na biografia. Em contraste, argumentei extensamente agora que o gênero de Gênesis 1-11 é mito. É uma tentativa de fundamentar realidades no tempo do autor pentateuical que eram importantes para a sociedade israelita no passado primordial.

Portanto, não se pode simplesmente presumir que devam ser lidas historicamente do modo como se pode fazer com os Evangelhos, que pertencem ao gênero da biografia antiga. O elemento mais histórico em Gênesis 1-11 que creio mostrar (e defendi isso contra Wilson) interesse histórico são as genealogias; mas, como acabei de argumentar, nem mesmo as genealogias devem ser interpretadas de modo literalista rígido. Penso que a Tabela das Nações, em Gênesis 10, por si só já exclui isso. Quanto à citação, você também está correto nisso. De fato, em Gênesis 2, quando temos a história da criação de Eva e Deus traz Eva a Adão e a apresenta a ele, Adão diz: “será chamada varoa, [Ishah no hebraico] porque do varão [Ish no hebraico] foi tirada.” O interessante é que, segundo hebraístas com quem conversei, esse tipo de vocabulário não existia em hebraico até cerca da monarquia, por volta de 1000 a.C. Portanto, Adão (ou mesmo um autor anterior) não poderia ter usado esse vocabulário, esse trocadilho com Ish e Ishah. Isto é um anacronismo. É uma recontagem da história usando a linguagem e o vocabulário do hebraico mais moderno, existente no período da monarquia.

Isso é, mais uma vez, outra indicação aqui de que não devemos forçar essas narrativas com uma espécie de literalidade rígida. Aluno: Algumas coisas sobre as idades. Parece-me que o declínio da pureza do pool genético, junto com a introdução da carne na dieta humana, pode ter tido algo a ver com a redução das idades. Mas também quero perguntar. Gênesis 6:3 — o que o senhor acha desse versículo, em que Deus diz: “O meu Espírito não agirá para sempre no ser humano, pois este é carnal; e os seus dias serão cento e vinte anos.” Dr. Craig: Isso é apresentado como a razão das expectativas de vida reduzidas dos pós-diluvianos. Deus disse: não vou tolerar essas pessoas da mesma forma, e agora a vida delas será reduzida a não mais que 120 anos. Essa seria a lógica. Talvez isso ajude a responder a uma pergunta anterior sobre qual é o ponto teológico feito aqui pelas vidas reduzidas. Talvez ressalte a pecaminosidade da humanidade e como suas vidas precisam ser encurtadas, para que não destruam completamente o mundo e a civilização.

Aluno: Mateus é indiscutivelmente histórico, mas fornece uma genealogia em que, até o exílio na Babilônia, há catorze gerações; e, depois disso, até Jesus, há catorze gerações. Então você vê que há um tipo semelhante de simetria ali, mas é difícil dizer que haveria literalmente catorze gerações. Dr. Craig: Não recorri a esse exemplo porque é do Novo Testamento. É séculos

depois de Gênesis. Mas você está exatamente certo. Temos esses três grupos, se me lembro bem, de catorze gerações cada, claramente, penso eu, construídos por Mateus para serem simétricos — bonitos e organizados. É uma simetria artificial. Como digo, em Rute 4 temos uma genealogia de Davi como essa, construída com dez gerações bem arrumadas. Isso, penso, torna plausível que seja isso também o que ocorre nas genealogias dos ancestrais antediluvianos/pós-diluvianos. Aluno: Quero chamar sua atenção para como as pessoas mantêm o controle de sua genealogia. Meu pai, na verdade, passou a meu irmão mais velho (o primogênito) um poema de vinte gerações e disse que ele deve ser transmitido ao primogênito. Você transmite e acompanha as vinte gerações. É assim que tudo permanece intacto.

Desse modo, você não tem apenas o sobrenome, mas esse poema lhe dá o nome do meio de modo que, mais tarde, você pode rastrear pela geografia alguém que compartilhe esse sobrenome e nome do meio. Você pode perguntar sobre a ancestralidade deles e conseguir rastrear. Dr. Craig: Isso é na sociedade chinesa? Aluno: Sim. Dr. Craig: Isso é muito interessante. Deixe-me lhe fazer uma pergunta. Quando uma pessoa adicional nasce, eles retiram alguém do início da genealogia para mantê-la em vinte, ou acrescentam de modo que se torna 21, 22, 23? Aluno: O primogênito depois da vigésima geração precisa criar um poema para outras vinte gerações. Assim, isso é transmitido desse modo. Dr. Craig: Muito interessante. Obrigado. Como o livro de Wilson ilustrou, esses dados antropológicos (como os que você compartilhou) são muitas vezes estudados hoje por estudiosos do Antigo Testamento como analogia para o modo como genealogias funcionam em sociedades tribais. Embora isso tenha aplicação incerta ao antigo Israel, ainda assim é interessante e sugestivo. Aluno: Tenho visto manchetes, mas não estudei nem li, dizendo que não há razão para não podermos viver para sempre.

DNA lixo no fundo, erros de cópia e todo o resto. Continuo ouvindo isso: nossa melhor compreensão de como o DNA é usado para cópia e coisas desse tipo. Você mencionou que não há indicação na Bíblia de uma mudança que fez as pessoas viverem mais antes do que depois. Há uma indicação. Chama-se as idades dos patriarcas. Essa é a evidência de que algo aconteceu. Dr. Craig: Bem, não, não acho isso justo. Porque estamos procurando uma explicação para as idades dos patriarcas — alguma mudança. Não há nada no texto que diga que, de algum modo, por causa de um dilúvio, as leis da natureza mudaram, permitindo que o DNA operasse de forma diferente ou que as pessoas vivessem mais. Quero ser muito claro aqui. A objeção ou preocupação que estou levantando não é científica. Não disse nada sobre DNA ou ciência. Neste ponto, isso é puramente hermenêutico. Estamos apenas estudando o texto e perguntando: essas genealogias devem ser tomadas literalmente ou servem a outros propósitos, como Wilson sugere? Quero dizer que elas têm um lado histórico. Elas mostram interesse histórico por parte do autor. Mas não devemos pressioná-las demais em favor da verdade literal. Aluno: Parece, sim, que há muita coisa.

As idades. Os padrões das idades. O suficiente para eu não dizer simplesmente “ah”. Eu adotaria como presunção que é verdade. Dr. Craig: Justo.

Memória, listas reais e objeções finais

Aluno: Uma das coisas a considerar nesses agrupamentos, como os catorzes no Novo Testamento, é que são dispositivos de memória. Essa seria uma forma de organizar para que você se lembrasse dos principais grupos de pessoas. Dr. Craig: Sim, absolutamente. Numa sociedade oral ou com tradição oral, provavelmente você não quer ter genealogias com centenas de nomes de extensão, por exemplo, mas teria genealogias simples e simétricas que poderiam ser transmitidas facilmente, como os grupos de vinte que alguém mencionou. Aluno: A outra consideração é a extensão dos reinados — vários desses podem ser corregências, em vez de sucessões consecutivas. Isso encurtaria um pouco esses períodos. Dr. Craig: Justo. Embora, quando se chega a reinados de vinte e seis mil, trinta mil anos, há algo muito peculiar acontecendo ali. Aluno: Não entendi isso. De onde vêm esses números? Dr. Craig: Isso é a lista real suméria — as listas dos reis da antiga Suméria, que é a sociedade anterior à Assíria e à Babilônia na Mesopotâmia. Depois, também há listas reais da Assíria e depois da Babilônia. Assim, temos essas antigas listas reais que parecem se assemelhar um pouco às genealogias bíblicas.

As genealogias bíblicas são únicas na literatura antiga, mas nessas listas reais há “____, filho de ____”, e elas listam seus reinados sucessivos, então há alguma analogia ali com as genealogias bíblicas. Aluno: Vou apenas acrescentar um comentário sobre a plausibilidade, bem rapidamente, a respeito das idades antigas. Eu ia dizer algo na mesma linha do que outros disseram sobre a degeneração da humanidade ao longo do tempo — os erros genéticos, por exemplo. Obviamente, quando Deus criou a humanidade, ele a criou perfeita, sem nenhum erro genético. Quando chegamos à lei de Moisés, uma lei foi estabelecida dizendo que não se pode casar com um irmão ou irmã porque haverá alguns erros por causa de erros genéticos semelhantes. Então penso que isso dá alguma plausibilidade às expectativas de vida mais longas no início. Então, sob a perspectiva da Terra jovem, somos ao menos consistentes entre animais e humanos, porque os répteis continuam crescendo enquanto vivem, e assim répteis que vivem muito tempo seriam dinossauros.

Então os humanos vivem centenas de anos, os répteis vivem centenas de anos; é daí que vêm os dinossauros — répteis que vivem muito tempo, já que continuam crescendo até morrer. Então penso em Metusalém, que tem um profeta como pai: Enoque dá ao filho o nome de Metusalém, que em hebraico significa “quando ele morrer, isso virá”. Se ele realmente viveu 969 anos, então morreu no ano do Dilúvio, o que tornaria essa profecia verdadeira. Acho que eu só queria acrescentar alguns comentários sobre a plausibilidade disso. Dr. Craig: Justo. Acolho a objeção. Sei que isto é controverso. Aluno: Estou apenas pensando e comparando e contrastando as listas reais mesopotâmicas com as genealogias na Escritura. Obviamente, as listas reais mesopotâmicas são ridículas. Sabemos pela antropologia que o Homo sapiens existe há muito menos tempo do que esses reis teriam governado, mas, para mim, eu pensava que isso parece fortalecer o argumento pela historicidade da lista de Gênesis, porque, embora sejam grandes, são muito mais razoáveis de um modo que as pessoas daquele tempo não saberiam que o Homo sapiens existia há apenas cem mil anos. Mas ainda assim elas têm datas consideravelmente reduzidas.

Para mim, eu pensaria que isso constitui argumento a favor de sua historicidade. Elas não são uma cópia clara daquelas listas mesopotâmicas. Dr. Craig: Esse ponto é feito pelo comentarista

judeu Umberto Cassuto em seu comentário sobre Gênesis 1-11. Ele diz que, comparadas a essas listas reais com reinados fantásticos de milhares e milhares de anos, as idades dos antediluvianos parecem modestas em comparação. Agora, isso não significa que ele as tome literalmente, mas ele de fato diz que elas são muito mais modestas, menos fantásticas do que os reinados desses reis mesopotâmicos, e isso certamente é um ponto justo. Mas se elas devem ou não ser tomadas literalmente, bem, já apresentei razões para minhas dúvidas quanto a isso. Aluno: Os mesopotâmios e os egípcios também tinham tendência a exagerar. Dr. Craig: Obviamente! Aluno: Se eles tinham números reais, então em alguns casos estavam tentando superar uns aos outros. Dr. Craig: A pergunta então seria: e os antigos israelitas? Eles tinham alguma tendência a exagerar números por algum motivo? Há algum ponto teológico sendo apresentado aqui? Aluno: Se há um ponto teológico, não consegui encontrá-lo.

Acho apenas que isso levanta a questão da inerrância. Se os números não são literais... e acho que você pode tomar os números em Gênesis literalmente e ter lacunas nas genealogias, de modo que não haja uma linha do tempo estrita e rígida. Dr. Craig: Mas nas genealogias o que você tem é que ela dá a idade do pai no momento em que ele gerou o filho: quando tinha 375 anos, gerou um filho e depois viveu outros 600 e tantos anos depois disso. Aluno: Em alguns casos, como em Abraão, diz que Terá tinha, acho que ele tinha 135 quando Abraão nasceu, mas quando se faz a conta em alguns outros lugares, vemos que ele realmente não tinha essa idade quando ele nasceu. Então os números... há razões textuais reais para pensar que os números não são exatos. Dr. Craig: Você não acha que o texto está corrompido? Aluno: Não acho que o texto esteja corrompido. Eu só acho que, se há lacunas ali (se está telescopado, como você disse), os números poderiam ser literais, mas ainda assim não conseguimos fazer uma linha do tempo exata a partir disso. Dr. Craig: Certo. Esse é meio que o ponto que estou defendendo, não é? Não devemos interpretar isso com uma espécie de literalidade rígida.

Há algo mais acontecendo aqui. Aluno: Um artigo excelente, se quiserem anotar estes nomes: Jeremy Sexton e Henry Smith, do site Associates of Biblical Research, tem um excelente artigo sobre esses dois. Dr. Craig: A leitura que fiz sobre isso sugere que não há nenhum tipo de consenso sobre como explicar essas idades desses antediluvianos. É completamente misterioso. Tentaram encontrar numerologia nelas, símbolos, tentaram pensar em múltiplas gerações ou linhas de descendência, e nada parece funcionar. Os estudiosos do Antigo Testamento continuam perplexos, basicamente, quanto ao que essas longas idades poderiam significar. Penso que é pelo menos uma questão em aberto; talvez elas não devam ser tomadas literalmente.

Encerramento e oração

Mas chegamos ao fim do nosso tempo. Na próxima semana, continuaremos. Agradeço a boa discussão de hoje. Vamos encerrá-la com uma palavra de oração. Pai, obrigado pelo estímulo dos irmãos e irmãs ao lidarmos com estas difíceis questões. E oramos para que, qualquer que seja a posição que adotemos, sejamos servos fiéis para cumprir a tua vontade e viver vidas que te glorifiquem e agradem, por Cristo, nosso Senhor. Amém.

Referências

Nahum M. Sarna, Genesis, The JPS Torah Commentary (Philadelphia: Jewish Publication Society, 1989), p. 68 e 40, conforme notas 1-3 da fonte oficial.

Robert Wilson, estudo sobre genealogias retomado da aula anterior; John Walton, Kenneth Matthews e Umberto Cassuto, trabalhos mencionados sem dados adicionais de edição nesta aula.

Rebooting the Bible, livro mencionado por um aluno sem identificação de autor/edição na transcrição.

Jeremy Sexton e Henry B. Smith Jr., artigo no site da Associates for Biblical Research, recomendado por um aluno. Título e URL não fornecidos na aula.

Notas editoriais da revisão

[1] Em Gênesis 9:25, a maldição pronunciada por Noé recai sobre Canaã, filho de Cam; a extensão aos descendentes de Cam é formulação do professor.

Créditos e fontes

Autoria: William Lane Craig. Publicação original: Reasonable Faith.

Conteúdo original: © 2019 William Lane Craig.

Tradução e edição em português: Fé Razoável. Revisão: 22/10/2026.

Fonte original: <https://www.reasonablefaith.org/podcasts/defenders-podcast-series-3/excursus-on-creation-of-life-and-biological-diversity/excursus-on-creation-of-life-and-biological-diversity-part-16/>

Aula em português: <https://ferazoavel.com.br/defensores-criacao-vida-diversidade-biologica-parte-16/>